



ENTRE ACÁCIAS E IPÊS, CORES E FORMAS DA HISTÓRIA CULTURAL

Heloisa Selma Fernandes Capel*

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO

Universidade Federal de Goiás – UFG

hcapel@gmail.com

RESUMO: Este artigo procura resgatar a interlocução da produção historiográfica de Sandra Jatahy Pesavento com os estudos e pesquisas em história em Goiás, bem como sua participação efetiva na criação dos cursos de pós-graduação *Lato* e *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Destaca sua contribuição, como referencial intelectual e humano, para o mapeamento dos contornos da história cultural e os processos de formação acadêmica de historiadores que lidam com o diálogo entre história, arte e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia brasileira – Sandra Jatahy Pesavento – História Cultural – Arte

ABSTRACT: This article aims to reestablish a link between Sandra Jatahy Pesavento's historiographical production and the studies and research of history in Goiás. Additionally, it discusses her significant role in the creation of both *lato* and *stricto sensu* postgraduate courses at Pontifícia Universidade Católica de Goiás. As an intellectual and human reference, emphasis is also given to her contribution to the shaping of cultural history and the academic background of historians whose works relate history, art and culture.

KEYWORDS: Brazilian historiography – Sandra Jatahy Pesavento – Cultural History – Art

Foi em setembro que nos encontramos pela primeira vez. Um setembro com ressonâncias de agosto, mas inegavelmente, o setembro das acácias e ipês de Goiânia. A cidade estava florida devido à umidade do início da estação chuvosa no cerrado seco. Profa. Sandra J. Pesavento aceitou um convite meu, depois de alguns e-mails trocados, para que viesse falar sobre história e literatura para os alunos da graduação e pós-graduação *lato sensu* na Universidade Católica de Goiás. Convidei-a por já conhecer e utilizar seu livro **história & história cultural**,¹ material que nos serviu como guia para

* Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás. Coordenadora do Mestrado em História – PUC/GO.

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

estruturar o curso de história cultural montado em 2004. O curso funcionou com sete turmas distribuídas nos últimos seis anos. O mesmo curso que congregou a equipe e deu origem ao mestrado em história da PUC/GO, autorizado em 2006. Professora Sandra J. Pesavento era pródiga em compartilhar idéias e produzir frutos.

O livro tinha ares de um rápido “manual”, e, com extrema clareza, apresentava o estado das pesquisas e referências de estudo para a história cultural. A abordagem era original e sem preconceitos teóricos. Indicava tendências, apontava pesquisas e, com uma simplicidade desconcertante, explorava conceitos que julgava fundamentais para enfrentar mudanças na forma de se estudar e produzir história. Entusiasmada com a sistematização dos conteúdos antes dispersos sobre a história cultural, enviei-lhe um e-mail do “nada”. Eu não era do comitê de área de nenhuma instituição de fomento, não era nenhum nome de peso e/ou interesse nacional, não ocupava nenhum cargo ou posição de destaque, era apenas uma professora de uma universidade confessional do interior do Brasil, ávida por saber mais a respeito da história em diálogo com as questões da cultura. Ela me recebeu com atenção e genuíno interesse.

Fiquei surpresa com a gratuita generosidade e bastante impressionada com sua capacidade de articular idéias e extrema força para expressá-las. A conferência lotou o auditório e não foram poucos os alunos que se dirigiram a ela, no final, para que, com a mesma atenção, ela distribuísse sorrisos e autografasse os livros que brotavam de mãos ansiosas. Desse primeiro contato, Professora Sandra deixou-me a admiração por sua competência acadêmica, além de uma inegável originalidade e firmeza de opinião. Fiquei ao seu lado na mesa da conferência e ela falou com uma força e entusiasmo incomuns, sem ler, sobre suas idéias acumuladas a respeito das interfaces entre história e literatura². Respondeu com espirituosidade e muito bom humor a todas as questões que chegaram à mesa (além dos estudantes e de céticos historiadores, havia críticos literários, marxistas ortodoxos e filósofos desconfiados na platéia), e, com a mesma autoridade e elegância intelectual, explorou temáticas de pesquisa, enfrentou posições polêmicas, apontou caminhos.

Desse primeiro contato, ficou-me, também, sua indiscutível disposição para a vida e o trabalho. Ela era incansável e, nos momentos em que não estivemos na

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, 2006, Puesto en línea el 28 janvier 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. Consultado el 10 septembre 2009.

atividade para a qual ela havia sido convidada, ela queria fazer algo útil. Professora Sandra parecia ter pressa e ânsia de absorver o mundo em todas as suas possibilidades de leitura e interdiscursividade. Conversava com a mesma familiaridade sobre música, arte, literatura, cozinha ou outro assunto qualquer que, para ela, era sempre um estímulo à compreensão das construções de sentido e interconexões na história. Lembro-me bem, quando lhe perguntavam qual a melhor fonte para o historiador da cultura: “o mundo é uma fonte”, respondia com naturalidade.

Fomos ao Memorial do Cerrado, (re)avaliamos projetos de curso, conversamos sobre perspectivas de trabalho conjunto. Enquanto eu corria de um lado a outro, tentando acompanhá-la física e intelectualmente, ela parecia passear em Montmartre. Ao fim de dois dias, tive a certeza de ter conhecido alguém que exerceria impactos muito significativos sobre nossa formação intelectual e projetos de trabalho.

Professora Sandra tinha uma visão muito particular sobre a história cultural e, como ninguém, sabia mapear seus contornos e desvios, identificar parâmetros de uma possível origem dos estudos que, para ela, davam uma resposta às questões mais contemporâneas do mundo e da história. Nem tanto o relativismo extremo, nem a metodologia grillhão. Sua perspectiva sobre a história estava aberta ao diálogo constante do historiador com o mundo e com outras áreas do conhecimento.

Ela também me ensinou, com um jeito muito bem humorado, a identificar as oposições teórico-políticas a essa forma de ver e compreender história. Explicou-me como o abalo das certezas da história era ameaçador para aqueles que a instrumentalizavam sob a máscara da militância teórico-social. Quando chegou a Goiânia, foi logo me fazendo a divertida pergunta para qual eu só ensaiaria respostas muito tempo depois: “vá logo me dizendo, quem é do bem e quem é do mal?”. O contato com ela acendeu em mim a consciência dos campos teóricos e acadêmicos como campos de ferrenhas lutas pelo poder. Professora Sandra dizia que quando vamos à academia e produzimos conhecimento original, sempre vamos, na expressão bem humorada dela, “como Gasparzinhos à floresta fazer amiguinhos”. Como nós, o fantasma da camarada precisava acordar e constatar que esse era um sonho utópico.

[Como uma vez me disse um tio meu que, certamente, nunca leu Foucault: “eu tenho medo é dos pequenos poderes”. Enfim, a gente precisa saber].

Do primeiro encontro, outros ricos momentos vieram. Surpreendi-me quando, logo após sua vinda, chegou-me uma caixa com abundante material bibliográfico. Eram

revistas, livros e artigos seus em publicações nacionais e estrangeiras, além de vários outros que tratavam de pesquisas sobre história cultural. Neles, a constatação da fala própria de cada objeto, avaliado sob os princípios norteadores de cunho geral, mas, que com singular empiria traziam novos e sutis olhares sobre diversos temas. Ela havia lido nossa sede de conhecer e explorar os territórios da história sob outras bases. Nunca encontrei as palavras adequadas para expressar minha gratidão.

O contato foi fundamental para que muitas idéias pudessem amadurecer e se expandir pela equipe, com a correspondente formação de diversos alunos na graduação e no *lato sensu*. Essa mesma equipe reviveu projeto do mestrado tendo-a como colaboradora. Com área de concentração em **Cultura e Poder**, o projeto do curso, já negado por duas vezes na CAPES, foi, finalmente, aceito em 2006. Ainda me divirto quando me lembro do técnico da universidade, que ao ajudar-nos a preencher os formulários da CAPES, viu, pela primeira vez, o currículo dela. Ele disse: *nhé!* E com isso queria dizer que aquele sim, era um currículo de peso para integrar a proposta. Professora Sandra vibrou conosco e iniciou um trabalho que nos deu base, estímulo e inspiração. Tive o privilégio de compartilhar com ela a disciplina do mestrado **História e Estudos Culturais**, e, em suas aulas de preleção, sentei-me como uma aluna qualquer para absorver sua fala autêntica sobre imagens e cidades. Notei que todo o seu trabalho de análise referenciava-se em idéias próprias, as que nasciam de sua cultura erudita, além da extensa e significativa formação acadêmica e de pesquisa, arcabouço consolidado com traços únicos sobre a história em processo de interdiscursividade com diversas outras áreas.

Minha adesão à história cultural já era tão intensa que me rendeu a alcunha de “heloisa pesavento” entre os alunos do mestrado. De fato, quando a encontrei, foi como se alguém conseguisse sistematizar, traduzir em palavras, ou mais do que isso, ampliasse aquilo que sempre foi o meu olhar íntimo sobre a história. Senti-me muito à vontade para falar com ela de uma paixão antiga: o diálogo entre arte e história.³ Ela se entusiasmou quando lhe apresentei Picasso, Magritte, Vermeer ou Goya como escritas historiográficas. Ainda tentando mapear os princípios da história cultural, eu os utilizava, com sua aprovação, como metáforas teóricas. Foi assim que eles acabaram por

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Entre a Arte e a História. **Revista Estudos Históricos: Arte e História**. CPDOC/FGV, n. 30, 2002.

aparecer em conversas, folders e textos utilizados nos cursos, conferências e comunicações.

Johannes Vermeer (1632-1675), por exemplo, serviu-nos para discutir o processo de apreensão da construção da história, seus jogos de desvelamento e ocultação. Na obra **Alegoria da Pintura**, realizada em meados de 1666, o pintor Johannes Vermeer traduziu o que se constitui este desafio. Na obra, o autor apresentou, de forma figurativa e mimética, a personagem que encena o drama da história: a musa Clio. A que se dá a ler por uma iluminação dirigida e indireta e que se exhibe, com figurino especial, num cenário com diversos instrumentos: o livro de registro, o instrumento musical, o mapa emoldurado na parede, as máscaras sobre a mesa. O pintor interpreta as informações visuais e faz o transporte para a tela. Ele busca objetividade, num exercício de empatia com o objeto representado. É possível ver o início da pintura com os louros da cabeça de Clio na tela de trabalho e com isso, o pintor imita e recompõe. Mas Vermeer indicou-nos que o pintor não está sozinho em seu exercício de representação: uma cadeira é colocada em primeiro plano. Alguém afasta a cortina e senta-se no ateliê para observar o processo de produção. Vermeer convida-nos a sentar na cadeira e apreciar a arte de fabricação do artista numa representação alegórica, performática. Vermeer representa o artista, que, por sua vez, representa Clio. Sentamos na cadeira e participamos do jogo de representações ali destacados. Passamos, nós mesmos, a compor o quadro em seu arranjo representativo, na presentificação de ausências edificadas de forma não objetivas, só acessáveis em seus procedimentos construtivos, em processo.

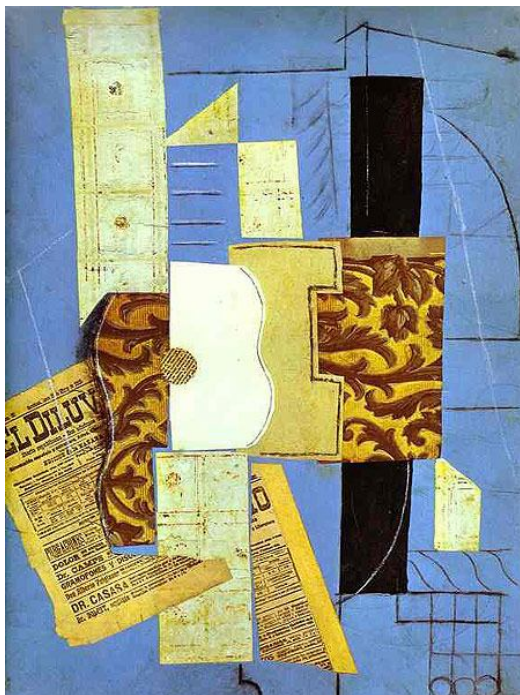
Da obra de Vermeer, dois princípios colocados pelos estudos de História Cultural e enfatizados pelas obras da Professora Sandra, demonstraram ser úteis no exercício de lidar com a história em situações de investigação: o esforço de desmontagem do objeto e, ainda, o trabalho de identificação de sentidos não aparentes.



J.Vermeer (1666) Alegoria da Pintura

Preocupações que permeiam os estudos culturais desde os seus inícios quando se identificaram com as opções de crítica literária e o uso da linguagem como metáfora.

Pablo Picasso (1881-1973), também esteve entre nós para falar de decomposição e reconstrução de objetos como exercício historiográfico. Ao construir a Guitarra, Picasso estava consciente da decantação das formas do real, a que objetivava realizar por facetas. Não mais a arte como domesticação da aparência, não mais a arte como imitação da realidade. Arte como recriação, como recomposição, como linguagem



Pablo Picasso (1913) **A Guitarra**

e plano de leitura. A Guitarra de Picasso permitiu a cristalização, numa só imagem, dos diferentes planos de um objeto. Ao privilegiar mais a essência do que a existência, os princípios cubistas reorganizaram a tela, que passou da representação bidimensional, ao volume, ao relevo. Interessante observar que, com tamanha pretensão, a elaboração artística da Guitarra não caiu na abstração total. Ela está lá, é identificável em suas formas convencionais. Está desmontada, entretanto.

Num recado claro, Picasso nos faz ver que a Guitarra na tela é uma construção. Uma releitura do objeto, que ele decompôs em fragmentos e reorganizou com o afã de poder interpretá-lo em suas várias facetas.

Picasso não transportou para a tela a Guitarra que via, mas deu a ler a Guitarra análoga, conferindo-lhe sentidos apreendidos por meio da decomposição de suas partes, investigadas em suas diversas dimensões, para melhor compreendê-la. O resultado resolveu-se num acordo de verossimilhança com a Guitarra externa e promoveu uma reconfiguração. Professora Sandra destaca esta ação como um ato próprio do historiador da cultura.

Francisco de Goya (1746-1828), por sua vez, foi útil para mostrar a complexidade dos objetos historiográficos e algumas afinidades com princípios da hermenêutica contemporânea. Encarar a polissemia de Goya não significava cair no

relativismo, mas admitir, num esforço cubista, que um objeto poderia ser visto sob ângulos diversos, sem o abandono de nossa aspiração pela objetividade. A história cultural não nos propõe a total abstração, mas faz admitir limites no esforço de aproximação do objeto da qual fazemos parte de alguma maneira, ela nos ensinou.

O filósofo hermeneuta Hans-Georg Gadamer nos auxilia quando nos lembra de nossa situação hermenêutica, imersos nas tradições e nos pré-conceitos, considerando a idéia de que vemos a partir de horizontes. Horizontes estão no âmbito da visão que abarca o que é visível a partir de um determinado ponto. E horizontes significam pensamento humano determinado pela finitude.⁴

O artista, bem como os objetos historiográficos, transcendem a qualquer rotulação definitiva de conjunto, portanto. No caso em questão, nem o projeto moderno, nem o ilustrado, nem o romântico, ou mesmo o fantástico, conseguiria abarcar a originalidade e as diversas composições de sentido da obra de Goya e das dimensões de sua visão de



Goya (1744-1811) **Gaspar Melchor de Jovellanos**

mundo. O que não significa que não podemos encará-lo como texto para tratar destes diversos projetos histórico-culturais. Entretanto, não podemos perder de vista as variáveis complexas, temporais, coletivas e pessoais que interagiram com o artista e com o seu tempo. É preciso jogar com escalas para ler a visão de mundo de Goya e de sua época. As discussões colocadas e mapeadas pela Professora Sandra nos inspiravam a compreensão dos caminhos investigativos e suspeitas da história cultural.

Assim, por meio da linguagem artística, o contato com material produzido pela Professora Sandra, bem como por seu próprio intermédio, procuramos compreender os

⁴ GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

traços e sutis contornos da história cultural. Mais do que um reflexo das sociedades em que estava inserida, a linguagem artística interpretava o mundo à sua maneira e com ela carregava a simbólica teia de significados culturais. Onde você estava, Professora Sandra? Tive o sentimento que deveria tê-la conhecido há anos.

Foi, também, sob os ares das chuvas, que se iniciavam em setembro, que aceitamos participar do **IV Simpósio Nacional de História Cultural**, evento promovido pelo **GT Nacional de História Cultural** coordenado nacionalmente pela Profa. Sandra J. Pesavento. O Professor Elio Serpa, da Universidade Federal de Goiás, propôs que disponibilizássemos a cidade e os dois programas de pós-graduação para o encontro. Assim foi feito. Professora Sandra telefonou-me para confirmar, e eu disse um sim comprometido e animado. Foi um ano de trabalho intenso e muitos desafios para aquilo que seria, talvez, uma das experiências mais significativas para nós em termos de crescimento, diálogo e aprendizado. Um compromisso intenso no que seria um dos maiores eventos da área de história na cidade.

Entretanto, não foi nada fácil. O tempo de preparação do Simpósio foi, também, o tempo da doença da Professora Sandra. Por muitos meses, e escondendo a real gravidade da situação para a equipe de Goiânia, temi que ela não pudesse estar presente no evento que preparávamos com tanto empenho e entusiasmo.

Professora Rosângela Patriota, da Universidade Federal de Uberlândia, tomou as providências necessárias fazendo uma difícil intermediação entre ela, a comissão científica e nossa equipe de Goiânia. Quando soubemos, de fato, de sua doença e efeitos do tratamento, decidimos que iríamos adiante, especialmente por ela mesma. Um dia, depois de alguns meses de muito trabalho e esforço contínuo na organização, recebi um telefonema no meio da tarde: era a Professora Sandra. Com a mesma força na voz e seu bom humor habitual, ela me informava que viria, sim, ao encontro. Que precisaria de rampas para uma cadeira de rodas. Assegurei-lhe encontrar dois “historiadores efebos” para levá-la caso fosse necessário.

De fato, o **IV Simpósio Nacional de História Cultural** ocorreu em Goiânia, de 13 a 17 de outubro de 2008, com dezoito minissimpósios e seis mesas redondas. A Conferência de Abertura foi proferida pelo historiador Jacques Leenhardt (EHSS/França) e envolveu a participação de pesquisadores nacionais e estrangeiros. A escolha temática se relacionou ao recorte das **Sensibilidades e Sociabilidades**, eixo sobre o qual gravitaram os estudos, pesquisas e discussões dos pesquisadores e

participantes. O tamanho do evento, promovido pelo **GT Nacional de História Cultural** foi um desafio. Foram 1.200 propostas para comunicações orais, sendo 569 propostas aprovadas, após serem selecionadas por 44 coordenadores de minissimpósios de diversas universidades brasileiras. O evento ainda realizou a seleção e exposição de 121 pôsteres de alunos de iniciação científica e publicou 569 resumos de trabalhos orais, 320 trabalhos completos e 121 resumos de pôsteres. Nada teria sido possível sem o envolvimento de uma comprometida equipe local e as instruções da comissão científica capitaneadas pelo contato com a Professora Rosângela Patriota que fazia chegar até nós, naquela desafiadora conjuntura, as recomendações e decisões da Professora Sandra.

O **IV Simpósio Nacional de História Cultural** foi uma oportunidade ímpar



Jacques Leenhardt e Sandra J. Pesavento
Abertura IV SNHC/Goiania

para a participação dos professores e pesquisadores do Mestrado em História. Além de estimular a produção acadêmica da equipe do Mestrado, possibilitou a intensificação dos debates em torno de temáticas de interesse da **cultura** e do **poder**, eixo de concentração do programa. Além disso, os contatos efetuados durante o

evento resultaram em estudos de projetos de cooperação acadêmica e elaboração de propostas de trabalho entre pesquisadores do programa e outras universidades brasileiras, com o envolvimento de diversos alunos. Mais uma vez, era preciso agradecer à Professora Sandra pela oportunidade.

Ela parecia satisfeita. Disse-me que estava tudo ótimo e que se sentia bem. Estava bem mais magra, mas com o mesmo vigor na voz, no sorriso, no olhar. Participou de todas as atividades, auxiliou a organização, fez planos para o futuro. Decidimos homenageá-la na abertura, ela que, para nós, tornou-se um exemplo vivo de dedicação, trabalho sério e generosidade.

Em uma das ocasiões em que estive em Goiânia, nós a levamos para uma entrevista na TV. Diverti-me muito com os bastidores da gravação, momentos em que ela comentava os subtextos de ações e gestos dos entrevistadores. Eles estavam todos armados para explorar os campos minados da história, ou mesmo daquilo que compreendiam por história cultural. Destaque-se o momento em que um jornalista acusou as academias de insuflarem o mau posicionamento da imprensa diante das questões sociais. Ele dizia que isso era o problema dos “ólogos” que se formavam nas



Homenagem à Sandra Jatahy Pesavento
Abertura do **IV SNHC/ Goiânia**

universidades: psicólogos e sociólogos, por exemplo. Os jornalistas “bebiam” na fonte acadêmica e, portanto, a culpa era da academia. Professora Sandra rebateu, com um ar divertido e sem perder a pose, que o historiador não era um “ólogo”, “pois historiador rima, essencialmente, com dor”. Aproveitou para questionar o *status* de verdade do discurso historiográfico e contou, com muita espontaneidade, como sua migração para os estudos culturais se deu após dar-se conta que quando adotava as tradicionais cartilhas marxistas, já possuía respostas prontas antes mesmo de realizar a pesquisa. Arrancavam-lhe tiradas incríveis diante do que era leviano, e mesmo do que era polêmico. Ao final da entrevista, os debatedores se aglomeraram em torno dela: eles queriam aproximar-se, usufruir um pouco mais de seu conhecimento e inquestionável carisma.

Ainda me lembro de seu gesto de colocar a bolsa no colo e ajeitar o batom no retrovisor do carro. Como sua motorista oficial, estes eram momentos em que eu aproveitava para fazer perguntas, tirar dúvidas, traçar planos profissionais. Eram muitas as possibilidades de interlocução e trabalho.

O curso de história cultural sobreviveu à profa. Sandra J. Pesavento, no *Lato* e no *Stricto Sensu*. Sua presença ainda é muito forte entre nós. Por esse e por muitos outros motivos, tive dificuldades em escrever este texto, confesso. Já estamos há alguns meses sem a presença dela. Eu não poderia dizer nada, assim, no calor da hora. Nas homenagens feitas a ela no **XXV Simpósio Nacional da ANPUH**, em julho de 2009, também não consegui falar nada. Eu tinha tanto a dizer e, no entanto, parecia tudo tão pouco diante do significado. Naquela ocasião, eu ainda estava completamente tomada pela emoção de perdê-la como referencial intelectual e humano.

Foram os ares de setembro que me restituíram a fé e a esperança nas cores e azuis. Para me fazer ver que eles estão sempre lá, latentes como num galho seco de ipê, embora pareçam mortos. Professora Sandra também estará conosco, em tudo aquilo produziu e nos legou, e, principalmente, por tudo que nos implantou nos espíritos. Para todos nós, ela foi como os ares restauradores e férteis de setembros úmidos. Dizem que os ipês só florescem em extremo estado de tensão pela seca. Ipês são arrebatados e extremistas, ora estão completamente nus, ora exuberantes. As serenas acácias permanecem verdes em qualquer época, mas ao menor sinal de chuva, explodem em cores. Aguardam o momento certo para florescer. Nosso contato floresceu entre ipês e acácias. Entre momentos de arrebatamento e serena inspiração.

Goiânia, 10 de setembro de 2009.